

novas da galiza

número

- ▶ BNG debate eleição da direcção num processo questionado
- ▶ UE abre comissão de investigação no aniversário do afundamento do Prestige
- ▶ Consolida-se celebração do Dia da Galiza Combatente
- ▶ Junta da Galiza obrigada a se retirar de Bemposta
- ▶ PP opom-se em Sada à retirada do ruiuio fascista

Sobre a lei de "qualidade" e o patriotismo constitucional

Por Braulio Amaro

Sem sentirmos a pátria debaixo dos nossos pés vivemos ...

Por Ramon Gonçalves

Cervantes, a nossa língua e a sua constituição

Por Mauricio Castro

Defesa oculta despesas militares nos orçamentos de outros ministérios

O exército anda com a areia no soco. Os sessenta e dois mortos do acidente aéreo na Turquia devolvêrom à capa dos jornais a conjecturada escassez orçamentária do Ministério da Defesa. Mas na verdade, a quantidade de dinheiro destinada às forças armadas nom deixou de crescer desde que o Partido Popular chegou ao poder em 1996.



Galiza, próxima cita das mulheres europeias



No passado mês de Setembro a Coordenadora Europeia da Marcha Mundial das Mulheres deu início à contagem decrescente para a mobilização que se celebrará em Maio de 2004 na cidade de Vigo. A rede feminista internacional que luta pola erradicação da pobreza e da violência contra as mulheres tentará reproduzir na Galiza a grande manifestação de mulheres europeias que tuvo lugar em Bruxelas em Outubro do 2000. Dous fôrom os motivos valorados pola Coordenação Europeia para escolher a Galiza como lugar de encontro e mobilização. A catástrofe do Prestige desenvolveu um sentimento de solidariedade na Marcha e as representantes galegas soubêrom defender a necessidade de descentralizar a açom dos países tradicionalmente localizados nos centros de poder económico e político, para colocá-la na periferia, neste caso num país sem estado próprio, sem direitos reconhecidos e que acabou de sofrer umha das maiores catástrofes ecológicas dos últimos tempos.

Urbano Lugris (1908-1973)

A santa paz do Pentágono

Por sorte para ele, Urbano Lugris nom assistiu ao afundamento do Prestige e à posterior maré negra, provocada pola contaminação da carga de fuelóleo que dito barco levava nos porons, e pola passividade, negligência e inépcia de umhas autoridades espanholas sempre mais preocupadas com a caça e a pesca (também de votos) do que com aquilo que vinher a acontecer na Galiza. Nom assistiu Urbano Lugris ao desastre do Prestige nem à crise nacional posterior, mas sim assistira a alguns dos diversos afundamentos e posteriores marés negras que sofreu a Galiza no último século. Viveria-os, mas desconhecemos a sua opinião

sobre eles.

Que pensaria ele? Como os viveria? Urbano Lugris, Ulises Fingal, o pintor do mar e, muito especialmente, dos fundos marinhos, o artista multifacetado, extravagante, autodidacta, que se movia entre a pintura, a música e a literatura. Que pensaria o velho marinheiro, retratado no seu quarto, da maré negra? Umha vida cheia de mapas, cartas de navegação, livros... para ver morrer o mar com um luto peganhenho de cheiro a estrada e poluição. Os caracóis marinhos, as sereias, os peixes e as medusas que dançam nos seu quadros com o som de velhas melodias de taverna portuária, que seria delas?.

segunda

novas da
galiza

Editora: Minho Média S.L.

Director: Ramon Gonçalves.

Redacção: Carlos B.G., Marta Salgueiro, J.Manuel Lopes, Antom Álvarez, Ivám Garcia.

Correspondentes: *Compostela,* Beariz Peres / *Vigo,* Xiana Gonzalez / *Lugo,* Joám Bagaria / *Corunha,* Armando Ribadulha / *Ourense,* Tiago Peres / *Paris,* J. Irazola / *Madrid,* José R. Rodriguez

Colaborações: Maurício Castro, Joám Carlos Ánsia, Xesus Serrano, José R. Pichel, Ramon Pinheiro, Ignacio Ramonet, Ramón Chao.

Fotografia: Borxa Vilas, Rosa Veiga, Miguel Garcia, Arquivo NGZ.

Humor Gráfico: Suso Sanmartim, Pepe Carreiro, Pestinho +1.

Publicidade: 639 146 523

Imagem Corporativa: Paulo Rico.

Desenho gráfico e maquetación: Miguel Garcia e Carlos Barros.

Correcção lingüística: Eduardo Sanches Maragoto

NOVAS DA GALIZA
Apartado dos Correios 1069
27080 Lugo - Galiza
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opiniões expressas nos artigos nom representm necessariamente a posición do periódico. Os artigos som de livre reprodución respeitando a ortografía e citando procedência. É proibido outro tipo de reprodución sem autorizacòm expressa do grupo editor.

Feche de Edición: 15.10.03

Sobre a lei de “qualidade” e o patriotismo constitucional

Por *Braulio Amaro Caamaño*, professor e sindicalista galego

Vou dedicar algunhas linhas a analizar a chamada “lei de qualidade”, debruçando-me nomeadamente sobre aquilo mais directamente relacionado com o “patriotismo constitucional” e na perspectiva dos e das que continuamos a defender a construción de um sistema educativo próprio, no marco da luta pola consecución da nossa soberania nacional.

O Governo do PP planificou a apresentação da sua “lei de qualidade” como se de umha operação militar se tratasse: A ofensiva começa há anos através de um bombardeamento mediático sem precedentes:

-Primeiro recorre-se aos “sábios” da “Real Academia da História”, história espanhola com certeza, com um Relatório, se a isso se pode chamar relatório, dado que com certeza absoluta teria sido reprovado em quaisquer umha das provas da “selectividade” actual. Para já, o relatório é, por outro lado, falso, como acabou de demonstrar um outro relatório independente, o conhecido como “Relatório Bofill” dado a conhecer no Verao de 2002. Este “relatório” dos “sábios” serve como coactada para introduzir a modificação dos currículos da ESO e dos “Bacharelatos” numha onda espanholizante, e de passagem serve para continuar a banir os nacionalismos, questom esta que se tornou a obsessom do PP desde que alcançou a maioria absoluta no parlamento espanhol. Quem se lembra agora de que Aznar falava catalán na sua intimidade poucos anos antes?

-Depois continua a ofensiva contra o ensino público com umha mao-cheia de declarações sobre o elevado fracasso

escolar, o baixo nível do alunado, a insuportável situação que gera a indisciplina nos centros, a utilização das chamadas “autonomias” para a doutrinação nacionalista, etc.

-Ofensiva mediático-informativa que com bom critério Arzallus referiu como “Brunete mediática”, que mistura falta de rigor, grosseiras manipulações da realidade, ocultação de relatórios desfavoráveis para as suas teses, escamoteação intencionada de qualquer referência ao ensino privado, etc.

-Depois da reforma dos currículos, da LOU e da Lei de Formação Profissional, parece que seja agora o momento de atingir o degrau mais importante do sistema educativo e sempre sob as mesmas coordenadas de acomodar os sistemas públicos e sociais às exigências neoliberais e globalizadoras. Se alguém pensava que o PP nom tinha projecto educativo, suponho que agora nom terá a mais mínima dúvida de quais som os seus propósitos.

O Partido Popular tem como prioridade atingir um sistema educativo que reproduza um modelo de Estado recentralizador e uniformizador, próprio da Espanha imperial e franquista. Princípios que som o denominador comum que impregna toda a sua actividade política, quer seja no âmbito educativo e cultural quer no social ou económico. A esta concepção obsessivamente unitária do Estado temos que somar outras constantes em que se fundamenta a “contra-reforma”: um sistema educativo classista, selectivo, privatizador, nacional-católico e antidemocrático. Portanto, som motivações estritamente ideológicas e favorecedoras das classes sociais com mais recursos, as que motivam esta reforma educativa e nom a de pretender melhorar a educação para impedir o fracasso escolar.

As orientações socialdemocratas que sustentaram a reforma educativa do PSOE já nom som válidas no actual contexto de liquidação do chamado “estado de bem-estar” e de implementação das políticas neoliberais e globalizadoras de que se jacta o imperialismo, isso sim, apesar de que o Estado Espanhol continua a estar atrás dos países da OCDE no referente às despesas em educação.

Com a Lei de Qualidade nom se procura corrigir as insuficiências e aspectos negativos da LOGSE. Polo contrário; põem-se em causa aqueles mais positivos como seja o da obrigatoriedade do ensino até aos 16 anos e o princípio de “compreensividade” da ESO. O objectivo deveria

Se alguém pensava que o PP nom tinha projecto educativo, suponho que agora nom terá a mais mínima dúvida de quais som os seus propósitos. O Partido Popular tem como prioridade atingir um sistema educativo que reproduza um modelo de Estado recentralizador e uniformizador, próprio da Espanha imperial e franquista.

ser que cada estudante superasse o Ensino Secundário Obrigatório, com os desdobramentos, reforços, adaptações curriculares, orientações e a atendimentos individualizados que cumprisse.

Nom há reforma possível se nom houver mais recursos para o ensino público. Para minimizar o fracasso escolar cumpre investir para dotar os centros de mais professorado e mais meios. Nada se diz de umha lei de financiamento do sistema educativo para corrigir as discriminações, já históricas, que sofre o ensino galego, que se remontam ao período das transferências em educação e que se agudizaram com a aplicação da LOGSE.

A cumplicidade da Conselharia da Educação em todo este processo está a ser absoluta. Tanto o Presidente da Junta como o Conselheiro da Educação actuem prestando total vassalagem, submetidos aos mandados de Madrid, sem se importarem com a usurpação e invasom das competências próprias da minguada autonomia outorgada, compartilhando a visom elitista do ensino e o processo involutivo do sistema educativo.

Estabelecermos umha frontal oposição a esta nova tropelia do Partido Popular e erguermos umha poderosa mobilização de todos os sectores nacionalistas, de esquerda e progressistas é um objectivo central ao qual devemos dedicar o melhor das nossas forças.

Se nom conseguirmos parar a Lei de “Qualidade”, teremos que tentar lograr que nom se implemente.



sumário

Os segredos do orçamento militar espanhol

NGZ indaga nas chaves do incremento contínuo do orçamento militar espanhol ao amparo do PP



7

Galiza, cita das mulheres europeias

O nosso país acolherá, na cidade de Vigo, mobilizaçom internacional da Marcha Mundial das Mulheres em Maio de 2004



10

Recordo de Urbano Lugrís

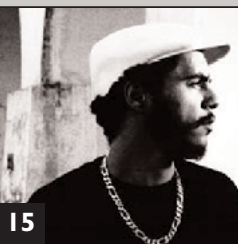
Urbano Lugrís é, precisamente por ser galego, um desconhecido na Galiza. Este número de NGZ rende umha merecida homenagem ao pintor excepcional



12

Novidades Brasileiras

A nossa secçom habitual de música presenta-nos neste número os últimos trabalhos dos brasileiros Marcelo D2 e Gabriel o Pensador.



15

editorial

O gasto mascarado

Os números oficiais confirmam-no. Desde que José María Aznar chegou à Moncloa, o orçamento do Estado destinado às despesas militares cresceu em mais de 20 %. No executivo espanhol asseguram que os investimentos no Ministério da Defesa nom ultrapassam 1% do Produto Interno Bruto. Porém, diversos estudos avalizam a ideia de que os números difundidos polo Governo do Estado nom se correspondem com a realidade e certificam que esta percentagem apenas representa 40 % da verdadeira despesa.

Nom obstante, o aparelho estatal tem criada umha ampla rede através da qual canaliza os investimentos militares. Os fundos destinados para este cometido nom só se circunscrevem ao Ministério da Defesa. A área de Indústria, os orçamentos correspondentes à investigaçom e ao desenvolvimento e mesmo as carteiras de Educaçom e Sanidade destinam importantes verbas para fins militares. Por conseguinte, as despesas militares nom reconhecidas atingem montantes muito elevados no Estado espanhol.

Parece que os planos belicistas dos Governo espanhol nom conheçam limites. A presença de tropas do Estado na ocupaçom do Iraque é umha prova mais dos delírios megalómanos e homicidas de Aznar e da sua camarilha. Entretanto, a venda de material bélico ao “Terceiro Mundo” constitui outro dos capítulos mais sinistros da política armamentística do Governo espanhol. Regimes em que som vulnerados sistematicamente os direitos humanos como o Estado turco ou a monarquia feudal da Arábia Saudita som os principais clientes de Madrid no

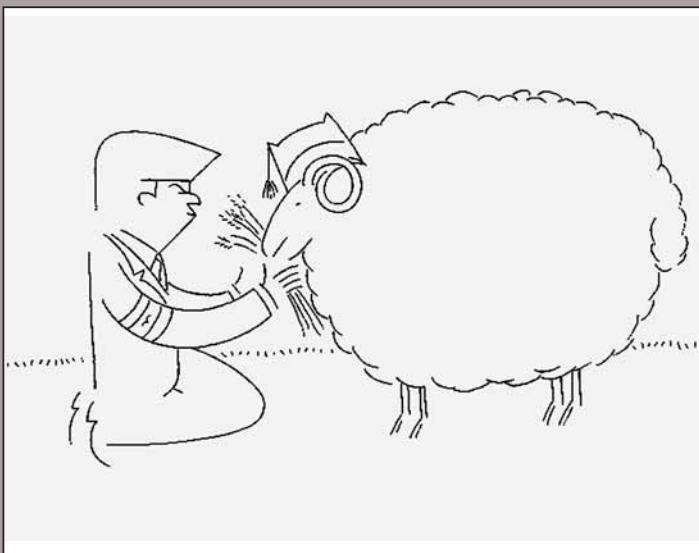
tocante ao comércio de armas.

O incremento das despesas militares vai a par do descenso nos investimentos sociais. A obsessom quase paranóica polo “défice zero” só se contempla com a finalidade de diminuir os investimentos estatais em políticas que fomentem o emprego, facilitem o acesso à habitaçom ou potencializem a educaçom e a sanidade públicas, mas nunca em detrimento das Forças Armadas. Neste sentido, continuamente se fam chamamentos em prol do fortalecimento da “defesa nacional” perante “a ameaça do terrorismo internacional” ou, mediante o emprego de eufemismos, invasions de países som definidas como “operaçoms humanitárias” ou “missoms de reconstruçom de naçoms” devastadas por guerras que provocou o próprio imperialismo.

Estes planos de aumento dos investimentos militares estão também enquadrados dentro de umha nova e agressiva ofensiva do espanholismo. O dia de homenagem à “insignia nacional” na madrileña Praça de Colombo, os pomposos desfiles de tropas nas festividades da “Hispanidade” ou da “Páscoa militar”, a revisom da história da Guerra Civil com a criminalizaçom do bando republicano, a ilegalizaçom de partidos políticos ou o encerramento de meios de comunicaçom fam rememorar os tempos da “Una, Grande y Libre”.

Os galegos e galegas tampouco devemos esquecer que o espanhol é um exército alheio, contrário aos nossos interesses como naçom e que está concebido como um estamento para velar pola “unidade de Espanha”, tal como nos lembra o artigo oitavo da Constituiçom.

Pepe Carreiro



notícias

Às portas da XI Assembleia, diversos sectores denunciam continuísmo e falta de democracia BNG debate eleição da direcção política e cabeças visíveis num processo questionado

As águas andam turvas no seio de um BNG que prepara a XI Assembleia Nacional com vários acometimentos fundamentais: a eleição de um novo candidato à presidência da Junta, a actualização do discurso perante a nova conjuntura política e a procura de um lugar adequado para situar Xosé Manuel Beiras. A nova assembleia do Bloco

tentará pôr em andamento umha equipa de trabalho com cabeças visíveis renovadas que lhe permitam atingir o principal repto, conseguir a presidência da Comunidade Autónoma Galega em 2005. No caminho, vozes que sublinham a urgência de umha vitória eleitoral perante outras que põem em questom o lastro perdido pola organiza-

ção na sua maratona por incrementar o número de votos. Nesta contenda por ocupar a cabeça do cartaz, diversas fontes nacionalistas questionam a inexistência de umha alternativa real que renove de facto um Conselho Nacional do qual se espera apenas continuidade.

Redacção

O processo pré-assemblear do BNG avança com o objectivo de “estender a base social do nacionalismo”, tanto no que diz respeito à filiação da frente quanto à percentagem de apoios eleitorais que precisa. Após a consecução de um chamado “tecto eleitoral” e a posterior descida de votos nas passadas eleições, o Bloco aspira a afiançar a unidade orgânica para difundir com maior eficácia a sua mensagem na sociedade galega. A Assembleia Nacional, que se há-de celebrar nos próximos dias 22 e 23 de Novembro decidirá a nova composição do Conselho Nacional, o candidato à presidência da Junta e definirá o projecto político para um novo curso.

Presentemente, o debate orquestrado polos meios de comunicação centra a polémica assemblear na eleição do candidato à presidência da Junta, dentro da lógica habitual que envolve a mercadeceia eleitoral. Neste sentido, Anxo Quintana e Camilo Nogueira, os candidatos que optaram por disputar a cabeça do cartaz, favoreceram umha polémica que originou posicionamentos públicos em favor de cada um dos candidatos, sendo o ex-presidente da Cámara de Alhariz o que recebeu o maior número de apoios. UPG, Esquerda Nacionalista, PNG e Inçar fizérom público o seu respaldo a Quintana. Unidade Galega dissolveu-se e evitou pronunciar-se sobre a candidatura, enquanto o Colectivo Socialista está a debater a sua posição ao respeito. Com as teses oficiais ratificadas polo Conselho Nacional de 11 de Outubro, a filiação da frente terá a palavra no seu máximo órgão de direcção, a assembleia, composta maioritariamente por pessoas nom sujeitas a nenhum partido ou corrente.

Anxo Quintana, pois, é a pessoa escolhida pola oficialidade do Bloco para a contenda eleitoral. Apresentou a sua candidatura como a única que poderá garantir “a unidade e o consenso”, ampa-



Francisco Garcia e Xosé Manuel Beiras, num momento da última Assembleia Nacional do Bloque Nacionalista Galego, celebrada em 2002

rado na sua lealdade ao projecto do BNG e umha trajectória “reconhecida pola militância”, factores que Francisco Rodriguez considerou “garante para a evolução futura do nacionalismo”. A opção Quintana foi apresentada após “ter sido logrado um amplo consenso na organização”, e portanto parece ser a escolha mais previsível na assembleia que aglutina o nacionalismo moderado e maioritário.

Em frente situa-se a candidatura de Camilo Nogueira, ex-dirigente de Esquerda Galega. Afirma apresentar-se à avaliação da militância “para ganhar as eleições”. Defende a ideia da Europa “como lugar de emancipação nacional” e oferece a sua experiência política como garante de validez. Sem elementos políticos chave no debate entre as duas alternativas, Nogueira apresenta um posicionamento mais próximo às teses reintegracionistas do que Quintana,

com base nas suas declarações e prática como eurodeputado. No entanto, a normativa já nom está em causa no debate de umha organização que assumiu como própria a chamada “norma de consenso” aprovada pola RAG.

O candidato que tinha sido rival histórico do BNG enfatiza que “nom é com negociações nas alturas como se decide o novo rumo”, em referência aos possíveis acordos secretos tomados para assegurar a continuidade do projecto liderado pola UPG. A posta em questom da democracia no processo é compartilhada por Roberto Mera, líder da conhecida como corrente de independentes que obtivo um respaldo significativo na passada Assembleia Nacional. Mera advertiu que apresentará umha candidatura alternativa para o Conselho Nacional se nom se produzir umha “renovação orgânica clara”. Denuncia a existência de grupos de pressom

internos mais preocupados com o reparto de poder nos organismos e candidaturas do BNG do que com a própria renovação.

Outro dos pontos quentes do debate está no papel que será atribuído a X.M. Beiras após a cita assemblear. Segundo fontes nacionalistas, a comissão redactora das teses está a definir o cargo de Presidente do Conselho Nacional, que será a cabeça da lista mais votada para este organismo. Na carta que Beiras enviou à direcção do BNG, manifestou a sua aspiração de “ser referente do projecto político, garantindo a congruência da prática do Bloco com o desenvolvimento desse projecto.” Beiras considerou isto “umha função arbitral interna muito necessária”. Manifestou também a vontade de “pilotar o processo de avanço”.

Posições independentistas

Os referentes políticos do inde-

pendentismo nom ficárom alheios ao processo que atravessa o BNG. Da organização unitária NÓS-UP emitiu-se um comunicado público em que se julga que se “está a pôr a nu a profunda crise que atravessa o nacionalismo capitulacionista”. Apontam que as disputas internas existentes nom som produto de nenhum “conflito político-ideológico”, polo contrário, umha “simples luta pola partilha do poder” e destacam que “nenhum sector do BNG está a pôr em questom a traição à Pátria galega”.

Por outra parte, a FPG expressou o desejo de que o BNG impulsione “umha autêntica frente nacionalista” caracterizada polo seu carácter de esquerda, para que “o Bloco ocupe um espaço que verdadeiramente acarree benefícios para a Galiza”. Mariano Abalo considera que “as viragens e solavancos para a direita acabam por se pagar”.

Sem sentirmos a pátria debaixo dos nossos pés vivemos ...

I

Se algo marca a próxima assembleia nacional do BNG é a dinamitação controlada do projecto político do beirismo. X.M. Beiras é um político capaz mas nom avondo para finalizar, com assinatura de seu, umha evoluçom política que levou o nacionalismo galego às águas pactuantes e calmas do possibilismo. Para Beiras o final desse percurso sublinhou-se inequivocamente como a aboliçom do projecto frentista, aposta organizativa sui generis que gerou estabilidade e solidez num nacionalismo intercedido historicamente polo cainismo e a disgregaçom fratricida. Nom pudo ser pois. Nom foi nunca. A UPG, sempre disposta a navegar através de certas marejadas, nunca aceitaría entrar em descomunais trovadas. O sonho derradeiro de Ulm Roam deverá pois aguardar. Se fosse Beiras repetiria para si aqueles versos de Brecht: “é umha cousa simples / difícil de fazer” esse partido que tanto ele como Nogueira sonhariam, unificando os e as nacionalistas sob umha batuta europeista e socialdemocrata de rosto amável e transparência impoluta. Toda essa arvoreda que se foi perdendo.

II

Que Camilo Nogueira nom será o próximo candidato à Junta em representaçom do BNG é algo sabido. De todas as formas Quintana nom é outra cousa que um candidato de transiçom. O BNG perderá as eleiçoms autonómicas. Algo também bem intuído. O fracasso de

Quintana nom será um fracasso da UPG sempre inteligente à hora de retirar-se com os seus candidatos explícitos, mas umha derrota consentida polo conjunto das famílias bloqueiras. Rodríguez, que sempre foi um político paciente de sangue geada, aprendeu ao longo da malograda história do seu partido que nunca funcionam ao BNG os experimentos com gasosa e recorda bem aqueles tempos de Luaces e Abalo em que cada nacionalista era um país inimigo. Esta assembleia do Bloco é portanto algo mais: Rodríguez preparará devagarinho o caminho como aquele José de Guillotin que penetrava na assembleia num Outubro de 1790 para explicar o funcionamento de umha nova máquina alçada num bisel aceirado e frio ...

III

Nom compreendo a retirada de Beiras como nom seja através do seu fracasso como rematador digno de umha etapa histórica. Com a sua saída de EN, Beiras evita momentaneamente algo que em breve emergerà como facto irreversível: a ruptura dentro do nacionalismo oficial. Mas mesmo assim, salienta a idade de Beiras para retirá-lo quando um ancioa como Fraga é presidente, é quase roçar na obscenidade.

O BNG apenas tinha até este momento 3 intermediários de certa entidade com a sociedade galega: as organizaçoms sindicais, Beiras e o movimento Nunca Mais. Liquidados os dous últimos inicia-se um período de refle-

xom onde primará o resguardo dentro das próprias fileiras e o fomento indiscriminado de líderes locais que venhem sendo os quadros políticos do caduco leninismo que nunca se soubo interpretar na Galiza. Mas antes de iniciarem novas etapas deveriam reflectir sobre a que sectores sociais se vam dirigir, ou por palavras de Simmel: um corpo orgânico termina de crescer quando as forças formadoras nascidas com ele chegaram ao seu limite. Asseveraçom obviamente dirigida à consciéncia corporativista do funcionariado nacionalista que no fundo em si e para si é quem manda.

IV

Quintana: No início do conhecido romance de García Márquez “Cien años de Soledad” há um episódio em que Melquiades nigromante e cigano arrasta uns imans polas ruas de Macondo aderindo ferros, culheres, pregos e outros instrumentos de metal perante o assombro da populaçom e do seu chefe José Arcadio Buendía que acaba por lhe comprar os “ferros” com a ambiçom de encontrar filons de ouro: Melquiades prevê o homem contra a trampa da ambiçom e diz-lhe: “Para eso no sirven”. Da mesma maneira a comunidade nacionalista esboça um sorriso de cansaço quando lhe proponhem a candidatura de Quintana e responde resignada umha e outra vez: “Para isso nom serve”.

Ramom Gonçalves é director de NGZ

A mesma comissom fora recussada polo PP tanto em Espanha como na Galiza

UE abre comissom de investigaçom no aniversário do afundimento do Prestige

Redaçom

Quase transcorrido um ano do afundamento do petroleiro Prestige ao largo das nossas costas, um ano em que a sociedade galega respondeu ao desastre com mobilizaçoms nunca dantes conhecidas, parece que o movimento cidadao está a diluir-se. Foi também o ano em que o Parlamento Europeu abriu umha comissom para investigar o acontecido. Mal se conheceu a abertura desta comissom, o Partido Popular adiantou-se para dizer que o Parlamento Europeu nom poderia julgar politicamente um caso em que existe um processo judicial aberto, por palavras de Manuel Fraga Iribarne “será um fracasso”. Um dos aspectos tidos em conta polo parlamento europeu para abrir esta comissom foi precisamente a recusa do Congresso dos Deputados espanhol e do Parlamento Galego a fazê-lo. Assinale-se ainda que o Europarlamento nom aprovou apenas a abertura de umha comissom de investigaçom, como também deu o visto de aprovaçom ao relatório do liberal Dirk Sterckx.

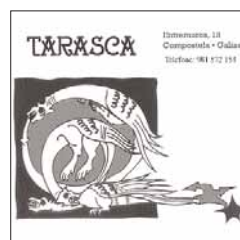
Um relatório que pom em questom a decisom das autoridades espanholas de afastar o navio. No já conhecido como relatório Sterckx também se fai referência, no que diz respeito ao reforço da segurança marítima, que seria positivo “introduzir a responsabilidade das autoridades públicas e políticas, locais e nacionais na tomada das decisoms durante a gestom deste tipo de catástrofes”. A Plataforma Nunca Mais recebeu “muito positivamente” a aprovaçom do relatório do liberal Dick Sterckx, que supom a abertura de umha comissom de investigaçom temporária. Nunca Mais assegura que este relatório apoia as teses da plataforma quanto à “segurança e ao transporte marítimo, e também quanto à necessidade imediata de extrair o fuelóleo que ainda permanece no navio afundado”. A Plataforma espera que esta comissom se constitua “o antes possível” e que investigue as causas e consequéncias do desastre, como ficou aprovado no relatório Sterckx, e nom só aqueles aspectos relacionados com a segurança marítima como “pretende o Partido Popular”. A

Plataforma considerou também que se trata “de umha grande vitória da sociedade galega”, após a mobilizaçom da Praça do Obradoiro no passado dia 24 de Março, enquanto a delegaçom europeia visitava a Galiza, e após a manifestaçom em Bruxelas do dia 14 de Junho. Entende Nunca Mais que as “gestoms e reunions mantidas com os grupos parlamentares europeus e com membros da Comissom Europeia para a difusom das propostas da Plataforma dêrom os seus frutos”. No próximo mês de Novembro será o primeiro aniversário do afundamento do Prestige. Mas também será o fim do primeiro ano de contínuas mobilizaçoms da sociedade galega na rua. A Plataforma Nunca Mais, que convocou já umha nova mobilizaçom para o dia 16 de Novembro, só espera agora que a comissom de investigaçom no Parlamento Europeu esteja a trabalhar.

Fórum de Burla Negra

A Plataforma contra a Burla Negra convocou o Fórum Negro, que pretende recolher “a voz em comum de denúncia e troca de

reflexos, estratégias e dinâmicas para ao futuro”. Trata-se de um chamamento para o diálogo da sociedade da cultura. O Fórum Negro será celebrado nos dias 22 e 23 de Novembro, pretendendo ser um contributo para o futuro da Plataforma. Antes dessas datas serão feitas reunions e recolhidas ideias para serem analisadas. Da Plataforma assegura-se que os textos recebidos servirám como contributos para a conformaçom dos conteúdos e metodologia do Fórum Negro. Dous som os temas centrais do encontro, para os quais Burla Negra solicita a colaboraçom: por um lado, “a Plataforma contra a Burla Negra: expectativas, organizaçom e futuro” e por outro “futuro da criaçom cultural na Galiza: alternativas e propostas.” As pessoas interessadas num contacto mais directo com a proposta de Burla Negra podem acudir às reunions abertas da Burla Negra, todas as terças-feiras às 19 horas no local de Burla Negra-Nunca Mais na rua do Franco, nº10-1º andar de Compostela.



Junta obrigada a se retirar de Bemposta

■ NGZ

Umha recente resolução do julgado de Ourense dá razão ao Padre Silva, obrigando a Junta a devolver os terrenos usurpados e a indemnizar Bemposta. A sentença proíbe a intervenção da administração na "Cidade dos Rapazes" por pretender construir um campo de futebol em solo destinado à habitação social. O tribunal considera que a Junta actuou atingindo "cotas escandalosas" de "má-fé", segundo indica a resolução judicial. Jaime Pita anunciou a apresentação de um recurso de apelação, e portanto a decisão última estará nas mãos do Tribunal Supremo.

PP opom-se à retirada do ruiro fascista

■ NGZ

No passado mês de Setembro, o pleno do Concelho de Sada acordou substituir da nomenclatura municipal os nomes fascistas de várias ruas da localidade corunhesa, entre as quais salienta a Avenida General Franco, onde está situada a Câmara Municipal. O Partido Popular foi o único grupo a rejeitar esta iniciativa, apresentada polo Governo local que encabeça o BNG. Ramón Rodríguez Ares, ex-presidente da Câmara da localidade do PP, senador e político de passado e de actitudes franquistas, conhecido pola foto do ditador espanhol que outrora mantivo no seu gabinete de presidente, manifestou que esta medida vai ocasionar "grandes transtornos no empresariado", já que "terán que gastar muito dinheiro a mudar a publicidade das suas firmas". Outro dos motivos razoados por Rodríguez Ares foi que, ao se mudarem o nome destas ruas, "pode acontecer que se perdam as cartas."

A aprovação do regulamento municipal de normalização lingüística foi outro dos pontos da ordem do dia deste pleno. Afinal, a iniciativa foi aprovada com os votos do Bloco Nacionalista Galego e dos dous grupos independentes. O PSOE abstinu-se nesta votação, ao considerar que "os espanhol-falantes se poderiam sentir agraviados com este plano". Por sua vez e de novo em representação do PP, Rodríguez Ares arremeteu contra o regulamento de normalização lingüística, entre outros motivos, porque "os múltiplos e múltiplas visitantes de fora da Galiza que se chegam a Sada através das novas tecnologias vam sentir-se discriminados e discriminadas", em referência à presença do galego na página web municipal.

Consolida-se celebração do Dia da Galiza Combatente

NÓS-UP consegue inserir a data no calendário político explicitando sem ambigüidades o sentido de umha escolha que o inde-

pendentismo defende em solitário: a 11 de Outubro de 1990 caíam Lola Castro e José Vilar numha açom do EGPGC.

Redacçom

Sob a legenda *A luta é o único caminho*, NÓS-UP desenvolveu ao longo das duas primeiras semanas de Outubro umha campanha propagandística de agitação com o intuito de popularizar a celebração do Dia da Galiza Combatente. Centos de cartazes fôrom distribuídos polas principais cidades galegas e algunhas das comarcas onde NÓS-UP tem implantação, nomeadamente em Trasancos, onde se celebrou o acto político central. Mais umha vez, a propaganda independentista chegou à comarca oriental do Bérzio.

O esforço na popularização da campanha e da própria data do 11 de Outubro tivo, como é lógico, eco nos meios de comunicação independentistas, como se podia apreciar em diferentes webs nas semanas precedentes. O mutismo informativo, porém, foi o mais destacável na imprensa espanhola e do nacionalismo institucional,

com a única excepção da notícia recolhida no *Diario de Ferrol*.

A jornada de homenagem começou no dia 10 à tarde, quando umha delegação de NÓS-UP acudiu ao cemitério de Meirás, em Valdovinho, para depositar um ramo de flores na tumba de Maria Dolores Castro Lamas, "Mariana". No sábado dia 11, umha cuidada coreografia à frente da portaria da Rua da Terra onde caíu baleado há 27 anos o responsável pola Frente Armada da UPG anunciava o começo do acto político: quatro grandes retratos de Alexandre Bóveda, Moncho Reboiras, Lola Castro e José Vilar, dúzias de bandeiras do MLNG e umha faixa com o escudo nacional, servírom de pano de fundo à concentração, que convocou perto de 70 pessoas (maioritariamente militantes) e estivo em todo o momento vigiada por policías espanhóis à paisana que filmárom ilegalmente as pessoas ali congregadas. Fernando Martins, responsável pola organi-

zação em Trasancos, apresentou o acto com as palavras de rigor e explicou o porquê da escolha de Ferrol para a celebração da data, lembrando a forte carga simbólica nacional e de classe de umha cidade onde fôrom assassinados polo franquismo os operários Amador Rei e Daniel Niebla. Por sua vez, Bruno López, em nome da Direcção Nacional, reviu num longo discurso as razões que levam a potencializar o Dia da Galiza Combatente e defendeu a necessidade de reivindicarmos a nossa história sem quaisquer complexos ou tabus. Do mesmo modo, criticou contundentemente os *autodenominados e autodenominados nacionalistas*, que se mantem na parálise ou no reformismo e refugam lutar escudando-se na dureza dos tempos, salientando a necessidade de abandonar esquemas acomodatórios e fortalecer as estruturas e projectos da esquerda independentista.

Homenagem a Víctor Jara em Oleiros

■ NGZ

Joan Jara, viúva do conhecido cantor de intervenção chileno assassinado em 1973, estivo em Oleiros no dia 25 de Setembro numha homenagem tributada ao seu ex-marido, organizada polo governo municipal em colaboração com COSAL Galiza. Na conferência, num auditório atestado de gente, esta mulher reclamou que "se recupere a memória de Víctor Jara em Chile e no resto do mundo" e qualificou o seu companheiro finado como um homem que advogava "pola justiça social e que lutava contra a pobreza". Joan Jara também assegurou que no actual Chile "há muitas feridas sem sarar", porque "apesar de certos progressos, ainda non existe justiça, já que non houve castigo para os responsáveis pola repressão". Ainda, Joan Jara criticou a globalização, já que "atenta contra as identidades culturais do mundo". No mesmo sentido, acrescentou que "as potências internacionais violam os direitos humanos" e mostrou-se partidária de que "cada país poda decidir o seu destino". Por outra parte, nesse mesmo dia também se inaugurou um parque em Oleiros com o nome do cantor de intervenção chileno.

Cervantes, a nossa língua e a sua constituição

■ Maúcio Castro

Nas últimas semanas, tenham-se ouvido vozes de repulsa ante a exclusom do nosso idioma do web que o espanhol *Instituto Cervantes* mantém na Internet, em concreto no chamado "Portal do Hispanismo", novo serviço que informa sobre a presença dos estudos universitários de espanhol no mundo.

Nom é a primeira vez que, de posições pretendidamente pró-galegas e até nacionalistas, se pronunciam queixas pola exclusividade com que essa instituição criada polo Estado espanhol fomenta esse idioma ao longo do mundo. O próprio BNG tem já reclamado nalgunha ocasião que, umha vez que o Estado espanhol reconhece como oficiais outras três línguas em determinadas áreas do seu território, o *Instituto Cervantes* deveria entom promocionar internacionalmente também essas línguas "co-oficiais".

A instituição em causa, que conta com importantes recursos económicos provenientes do Governo espanhol, constitui como se sabe o autêntico mascarom de proa cultural nos afãs expansionistas da cultura espanhola, aproveitando o crescimento demográfico dessa língua em continentes como o americano. Trata-se da versão hispana de outros organismos similares como o alemám *Goethe Institut* ou o português *Instituto Camões*, todos eles dedicados a estender a influência das respectivas línguas em países e foros ao longo do planeta.

Na realidade, a própria concepção do *Instituto Cervantes*, a sua natureza ao serviço de um

modelo de Estado concreto, de um projecto nacional e um sistema lingüístico-cultural concretos, toma profundamente errada qualquer pretensão de "reformá-lo". Como poderia o principal responsável pola situação da comunidade lingüística galega, o Estado espanhol, vir a converter-se no nosso principal valedor além das nossas fronteiras? Agarrar-se à falsa declaração formal de serem todas as línguas "espanholas" objecto da promoção do dito *Instituto* é dar por bom o esquema institucional que fai do galego umha variedade espanhola pitoresca a proteger, reclusa e sempre subordinada à única e efectiva língua oficial do Estado.

No fundo, estamos ante a face lingüística da idealista procura de nom se sabe que reconhecimento no quadro de um modelo constitucional alheio por completo à nossa realidade nacional e contrário aos nossos interesses lingüísticos. Um modelo, o constitucional espanhol que agora cumpre 25 anos, que se instaurou precisamente para evitar o avanço das nossas posições como espaço alternativo para o um verdadeiro desenvolvimento desta realidade nacional que chamamos Galiza.

Por mais paradoxal que pareça, essa absurda e inviável procura de reconhecimento "limitado" que certo nacionalismo galego protagoniza a respeito do Estado espanhol apresenta-se-nos como resultado do seu suposto "pragmatismo". Será que nom tivemos nas últimas décadas suficientes provas, nos mais diversos planos da

nossa vida colectiva, de aonde nos conduz a suicida estratégia de procurar protecção institucional para a nossa identidade precisamente nas instituições que a ameaçam de morte?

Recentemente, o director de *Serviços de Língua Portuguesa e Intercâmbio Cultural* do *Instituto Camões*, Francisco Nuno Ramos, reconhecia publicamente o carácter particular da Galiza a respeito do labor de promoção que da nossa língua essa instituição portuguesa realiza no mundo. Na Galiza, dizia, o português nom é umha língua estrangeira, mas é a própria Galiza que tem de esclarecer qual a sua relação com o espaço lusófono, também em expansom no mundo, sobretudo a partir do crescimento demográfico brasileiro.

As alternativas para nós som claras: preferiremos continuar a esmolar a nossa inclusom como apêndice regional no sistema cultural espanhol, ou entom reorientaremos os nossos esforços à progressiva integraçom da Galiza no vasto espaço de fala galego-portuguesa no mundo?

Enquanto non resolvermos esta questom, largando de vez as amarras que ainda nos atam mental e institucionalmente a Espanha, continuaremos a assistir, impotentes, ao esmorecimento da nossa identidade no seio do letal constitucionalismo espanhol, por mais que cresça a expressom eleitoral de um nacionalismo tam morno e inofensivo que até resulta simpático a sinistras personagens do espanholismo como Fernando Savater.



reportagem

Defesa oculta despesas militares nos orçamentos de outros ministérios

Verbas da carteira de Trillo crescem mais de três por cento anual desde 1997

O exército anda com a areia no soco. Os sessenta e dois mortos do acidente aéreo na Turquia devolvêrom à capa dos jornais a conjecturada escassez orçamentária do Ministério da Defesa.

Mas na verdade, a quantidade de dinheiro destinada às forças armadas nom deixou de crescer desde que o Partido Popular chegou ao poder em 1996.

Daniel Salgado

O orçamento do Ministério da Defesa cresceu mais de mil milhões de euros nos últimos seis anos. Se em 1997 o Governo dedicou 5.229 milhões de euros - 4,8 % dos orçamentos gerais do Estado - a Defesa, no passado ano a quantidade ascendeu a 6.322 milhões -5,61 % do total orçamentário. No ano 2003, o tecto das despesas militares atribuídas nos orçamentos estatais situou-se

em perto de 6.500 milhões. A crecência total durante o sexénio do Partido Popular excedeu 20 %. Na página web do mentado ministério, que unicamente oferece dados da presidência de Aznar, Defesa orgulha-se de que o crescimento do orçamento de 2002 "duplique a inflaçom prevista polo Governo" para o ano passado.

A chegada ao poder em Madrid do Partido Popular marcou umha tendéncia inédita no referente às despesas militares. A primeira verba atribuída a Defesa

aprovada pola direita foi mais de dous pontos percentuais superior à derradeira do governo do PSOE. De 1996 a 1997 o orçamento militar acresentou-se em 0,42 %, enquanto de 1997 a 1998, primeiro ano de mandato do PP, o aumento atingiu 3,15 %.

As aterragens de José María Aznar na Moncloa e de Federico Trillo na carteira do Ministério da Defesa supugêrom, além de umha mudança nas preferéncias distributivas do gasto estatal, a

adopçom do modelo alemám de financiamento militar. Segundo o procedimento germano, o orçamento militar do Estado nom deve ficar "enfaixado" no Ministério da Defesa. Outros sectores governamentais podem assumir os investimentos na maquinaria militar sem figurarem na planificaçom económica de Defesa. Com a liçom bem aprendida, logo depois de 1997 o Governo espanhol ampliou as estruturas do consumo militar a

A chegada de Aznar e Trillo supujo a adopçom do modelo alemám de financiamento militar.

Segundo este procedimento, o orçamento militar do Estado nom deve ficar "enfaixado" no Ministério da Defesa

o rg a n i s m o s autónomos -com nomes tam desconcertantes como "Canal de Experiencias Hidrodinámicas El Pardo", "Gerencia de Infraestructura y Equipamiento de la Defensa", "Servicio Militar d e Construcciones" ou "Servicio de Cría Caballar y Remonte" - e ainda a, polo menos, três ministérios mais: o do Interior, o dos Negócios Estrangeiros e o da Indústria.

No Estado espanhol, a Policía Nacional e a Guardia Civil

-corpo de segurança com categoria e mando militar- assumírom tarefas de estabilidade interna tradicionalmente atribuídas ao exército. Nom obstante, os orçamentos das chamadas Forças da Ordem Pública dependem do Ministério do Interior. Na França, o controlo económico da Gendarmerie pertence ao Ministério da Defesa. O orçamento que controla esta carteira supera o da sua homóloga espanhola.



Em 1997 o Governo dedicou 5.229 milhões de euros a Defesa. No passado ano, a quantidade ascendeu a 6.322 milhões

O Ministério dos Negócios Estrangeiros emprega boa parte da sua atribuiçom estatal em competências vinculadas à defesa militar. Entre as funçoms do organismo que comanda Ana Palacio encontra-se o definir a participaçom espanhola na NATO e nas missons humanitárias da ONU, além de estabelecer o orçamento destinado a entidades europeias de política de defesa comum como o PESC e a OSCE.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros emprega boa parte da atribuiçom estatal em competências vinculadas à defesa

O Ministério da Industria (militar)

Os empréstimos para o desenvolvimento de programas militares representárom em 1999, segundo um estudo da Cátedra Unesco da Universidade Autónoma de Bellaterra, 90 % das despesas do Ministério da Indústria. Através destes empréstimos, o Ministério da Defesa proporciona, basicamente, três projectos de maquinaria militar, que adiarám, polo

menos, até ao 2010: o avião de combate europeu ou Eurofighter 2000, os tanques Leopard e as fragatas F-100. A construção de submarinos S-80, iniciada há três anos, também recebe dinheiro da carteira de Indústria. O ministério recolhe um bom pedaço das despesas militares espanholas nom declaradas.

Os Ministérios da Educação e da Saúde também destinam alíneas nom quantificáveis dos seus orçamentos a funções militares. As campanhas polas escolas de ensino primário e secundário para "projectar o valor das nossas forças armadas na sociedade" (sic) som custeadas por Educação. O fomento social da "cultura da defesa"

-que até parece resgatar a "força do espírito nacional" das aulas franquistas- é paga polo Ministério da Educação. A despesa dos hospitais militares, exclusivos para membros do exército e familiares, freqüentemente deso-

cupados na época das listas de espera nos hospitais da Saúde Pública civil, aparece nas previsões económicas do ministério de Ana Pastor. Os objectivos das políticas da saúde do Partido Popular somam, no total, 3.569 milhões de euros, praticamente a metade do

As campanhas em escolas primárias e secundárias para "projectar o valor das nossas forças armadas na sociedade" som custeadas por Educação

projectado para o Ministério da Defesa. Outra armadilha da qual se serve o Governo para esconder o gasto militar resulta de condicionar os empréstimos em fundos de ajuda ao desenvolvimento a países pobres para o uso dos mesmos na aquisição de material militar. Os investimentos em Defesa do Estado espanhol nom excedem, segundo dados oficiais, 1 % do

Produto Interno Bruto (PIB). O Governo calcula que, durante o presente ano, o orçamento de Defesa apenas atingirá 0,92 % do PIB. Porém, o relatório da Universidade de Bellaterra assegura que os números governamentais



O empréstimo destinado ao financiamento do Eurofighter 2000 nom será pago até 2010

representam apenas 40 % das despesas reais. Nalgum exercício dos últimos seis anos, segundo o estudo universitário, a percentagem do PIB empregue em despesas militares e de defesa triplicou o reconhecido polo executivo. O discurso oficial a respeito da escassez de orçamento militar em confronto com a Europa começa a inçar as

A parte do PIB destinada à despesa militar chegou a triplicar a reconhecida polo Governo

capas dos jornais de importação madrileña, sobretudo logo depois do acidente na Turquia de um avião militar em que morreram 62 soldados espanhóis. Mas a nova retórica do poder esquece, ignora ou directamente encobre a realidade das práticas governamentais para mascarar os milhões destinados à Defesa.

A reunião do grupo de países mais industrializados do mundo em Evian, França, no passado mês de Maio, concluiu com a necessidade -"em caso contrário, nom sobreviveremos" afirmou o primeiro ministro inglês Tony Blair- de "reformarmos os serviços públicos, insustentáveis com as suas características actuais". O processo de correcção do estado de bem-estar, que a Alemanha acabou de iniciar com a socialdemocracia no Governo, esconde o corte orçamentário nas prestações sociais. O professor catalán Vicenç Navarro, autor de Bem-estar Insuficiente, Democracia Incompleta, assinala que, amiúde é umha perversa distribuição do gasto estatal e nom o mantimento do estado do bem-estar o que provoca os desequilíbrios nas contas dos Governos de Ocidente.

Os orçamentos de I+D (investigação e desenvolvimento) do Estado espanhol exemplificam perfeitamente a tese de Navarro. Segundo dados da Fundação pola Paz, durante o período transcorrido entre 1995 e 1999, o I+D militar cresceu 412 %, de 291 milhões a 1494. Em 1999 a despesa destinada à investigação militar excedeu pola primeira vez a despesa destinada à investigação civil -1275 milhões de euros. Para o ano 2004, de 4.402

milhões atribuídos a I+D nos orçamentos estatais, por volta de 2.200 fôrom gastos em empresas e em programas militares em diferentes fases de implementação. A aquisição ou o fabrico de 24 helicópteros Tigre, quatro subma-

A falácia da insustentabilidade



Durante o período transcorrido entre 1995 e 1999, o I+D militar aumentou 412%, de 291 milhões a 1494

Em 1999 a despesa em investigação militar excedeu pola primeira vez a despesa em investigação civil

rin, um paillebote com capacidade para transportar 1200 soldados, 212 carros de combate e satélites de comunicação de importação estado-unidense adjudicam-se à secção de investigação e desenvolvimento do gasto esta-

UNESCO para o seu programa mundial Cultura de Paz. A soma dos contributos do Estado espanhol naquele ano à Unicef -organismo de Nações Unidas para a protecção da infância-, ACNUR -Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados-, a FAO -siglas inglesas da Organização Mundial da Alimentação- e outras organizações internacionais - PNUD e PNUMA- foi 122 vezes inferior ao dinheiro atribuído a I+D militar.

tal. Do total do dinheiro estatal que será dedicado à I+D em 2004, 52 % será empregue em projectos militares, enquanto a investigação básica civil -dinheiro para financiar projectos de investigação científica do Estado espanhol- fica em percentagens que andam à volta de 10%. A média do gasto estatal em I+D militar na Europa é de 14,5 % do total destinado à investigação. Contudo, a percentagem sobre o PIB que o Estado dedica a I+D -1%-supom aproximadamente metade da média comunitária.

O estudo da Universidade Autónoma de Bellaterra antes referido revela que o orçamento de investigação militar do governo militar espanhol de 1999 duplicou o orçamento anual da ONU e nom deixou de crescer. De facto é 110 vezes maior do que o orçamento da

A perversom da língua como coarctada

■ Daniel Salgado

Quando as potências ocidentais referem a "intervenção humanitária" como novo e inviolável princípio do direito internacional, recuperam actualidade as advertências do Herbert Marcuse quanto à perversom da linguagem. No seu livro O homem unidimensional, o filósofo alemão nacionalizado estado-unidense colocava exemplos como a "radiação inofensiva" para evidenciar a apropriação dos significados polas classes dominantes

do ocidente opulento. Os bombardeamentos humanitários da NATO no Kosovo ou a açom, também alicerçada num pretendido "consenso internacional", dos Estados Unidos no Afeganistão, e ainda a invasom unilateral do Iraque durante o passado mês de Março, fõrom fielmente secundadas polo Estado espanhol. O humanitarismo armado conforma umha das coarctadas predilectas do Partido Popular, junto à profissionalizaçom do exército, para

O apego inquebrantável aos EUA e às suas atitudes revelam a cega confiança da direita espanhola no neo-imperialismo

justificar decisõs à partida tam impopulares como a elevaçom da despesa militar. Para o presidente do Governo espanhol, José María Aznar, o crescimento do orçamento de Defesa supom "o reforçamento das funções essenciais do Estado como prioridade política". Porém, este altruismo de raiz cristã esconde umha concepçom política das relaçons exteriores e interiores fundada, com certeza, em interesses económicos. O apego inquebrantá-

vel ao amigo americano dos "falcons" e às suas atitudes polo mundo fora revelam a cega confiança, quem sabe até se o agradecimento, da direita espanhola no neo-imperialismo estado-unidense. O destino manifesto, a supremacia cultural, o choque de civilizaçons, a nova ordem..., em cada umha das peças do discurso ianque adoptado polo Estado espanhol ecoam tempos passados de abafante presença na nossa memória.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, umha reduçom de 3% nos orçamentos militares a escala mundial permitiria minguar em 50% a mortalidade infantil, fornecer de água potável toda a populaçom mundial e universalizar a assistência sanitária primária. Durante cada minuto do ano 2003 fõrom gastos no planeta 1,6 milhons de euros em conceitos vinculados ao militarismo.

Orçamento Ministério da Defesa

ANO	Milhons de Euros	Aumento
1997	5.299	0,42%
1998	5.394	3,15%
1999	5.578	3,43%
2000	5.802	4,01%
2001	6.063	4,5%
2002	6.322	4,28%
2003	6.477	2,4%
2004*	7.000	8,07%

*Previsom



O humanitarismo armado é umha das coarctadas predilectas do PP para justificar a elevaçom da despesa militar

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523

novas da galiza



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 € Assinante Colaborador = 30 €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

Galiza, próxima cita das mulheres europeias

Vigo acolherá mobilizaçom internacional da Marcha Mundial das Mulheres em Maio de 2004

No passado mês de Setembro a Coordenadora Europeia da Marcha Mundial das Mulheres deu inicio à contagem decrescente para a mobilizaçom

que se celebrará em Maio de 2004 na cidade de Vigo. A rede feminista internacional que luta pola erradicaçom da pobreza e da violéncia contra as

mulheres tentará reproduzir na Galiza a grande manifestaçom de mulheres europeias que tivo lugar em Bruxelas em Outubro do 2000.

Lupe Cês

Dous fõrom os motivos valorados pola Coordenaçom Europeia para escolher a Galiza como lugar de encontro e mobilizaçom. A catástrofe do Prestige desenvolveu um sentimento de solidariedade na Marcha e as representantes galegas soubõrom defender a necessidade de descentralizar a açom dos países tradicionalmente localizados nos centros de poder económico e político, para colocá-la na periferia, neste caso num país sem estado próprio, sem direitos reconhecidos e que acabou de sofrer umha das maiores catástrofes ecológicas dos últimos tempos. Para além disso, a Marcha reconhece ter pouco desenvolvido o seu discurso em relaçom ao desenvolvimento sustentável do planeta. A Galiza seria, neste momento, un ponto na Europa de triste actualidade para serem tratados estes temas.

Esta mobilizaçom vai desenvolver-se num momento político onde as mulheres arriscamos muito. O modelo patriarcal de construçom europeia vai ficar

redigido numha Constituiçom. Diante desse modelo, as feministas propomos outro.

Marchamos por umha Europa plural, de culturas, credos, línguas e opçõs sexuais; umha Europa onde as pessoas e os povos serã diferentes mas nom desiguais.

Umha Europa de portas abertas, acolhedora, hospitaleira, sem qualquer discriminaçom entre nativas e imigrantes, que nom expulse a quem está à procura de refúgio. Umha Europa em que a cidadania nom seja um direito reservado a umha minoria.

Umha Europa comprometida com o resto do mundo, com o ambiente e o desenvolvimento, com o reequilíbrio das riquezas e a luta contra a fome, onde os beneficios nom forem medidos em números macroeconómicos mas em qualidade de vida e sustentabilidade.

Umha Europa respeitosa com o direito dos povos à autodeterminaçom, comprometida com a paz e com a desaparicòm do armamento, com umha politica activa de prevençom e cessaçom das agressõs armadas.

Umha Europa onde os direitos

Arriscamos muito neste momento. O modelo patriarcal de construçom europeia ficará redigido numha Constituiçom



A Marcha Mundial das Mulheres reclama "umha Europa onde as pessoas e os povos serã diferentes mas nom desiguais"

humanos incluirã os direitos económicos, sociais, e políticos, onde o trabalho, a habitaçom, a educaçom, a saúde e os recursos nom estiverem regidos polos interesses económicos de umha minoria.

Umha Europa comprometida com a eliminaçom da desigualdade entre homens e mulheres. Umha Europa onde os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres estiverem garantidos na lei e na prática.

Umha Europa em que a violéncia de género, os preconceitos sexistas, o machismo, a divisom do trabalho, a dupla jornada e a discriminaçom, desapareçam da

vida quotidiana das mulheres e em que os governos adquiram o firme compromisso de erradicarem estas injustiças.

Umha Europa sem prepoténcia e sem preconceitos, onde a igualdade, a justiça e a solidariedade forem tam comuns que nom se fale delas como cousas distantes. Umha Europa em que a prioridade seja facilitar umha vida digna a toda a cidadania.

Vamos fazer-nos visíveis em Vigo, nos dias 22 e 23 de Maio. Ainda que o programa nom esteja ultimado, no dia 22 será celebrado um Fórum de Debate, e ao longo do dia poderemos assistir às actividades que se vam desenvolver

na Feira Feminista, nos diferentes espaços destinados a expor alternativas e experiéncias sobre temas como a violéncia, os direitos laborais, as liberdades sexuais, a feminizaçom da pobreza, a imigraçom, etc. Finalizará a jornada com um macroconcerto em Castrelos que contará com a participaçom de artistas galegas e do resto de Europa. O domingo 23 será celebrada a manifestaçom, que pretende representar a apoderaçom das mulheres do espaço público e umha demonstraçom da força do movimento feminista com o seu poder transformador. Já começou a contagem decrescente para marcharmos diante.

#PERIODICIDADE: QUADRIMESTRAL



*Apresentaçom na Galeria das Letras-FESTIGAL '03 às 21:00hrs

Subscreve-te!

Envia-nos os teus dados e enviamos-che o boletim de subscriçom

Nome e apelidos Tif
Endereço Povoaçom
C.P. E-mail

Investigaçom

Fontes Leituras

Museus e arquivos

Entrevistas

Internet



www.revistamurguia.com

Associaçom Galega de Historiadores

informática

LSSICE: néboa e medo

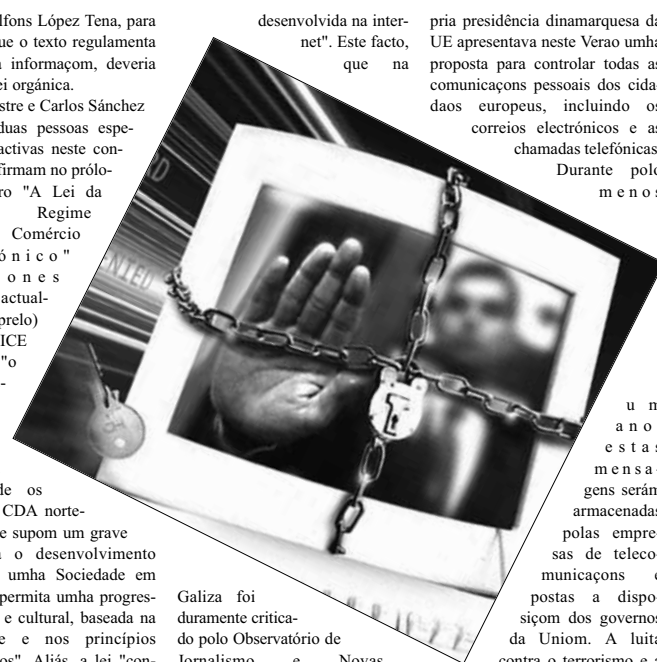
Quarenta e cinco artigos e dezasseis disposições. O conteúdo da Lei de Serviços da Sociedade da Informação e de Comércio Electrónico (LSSICE), transposição da directiva europeia 2000/31/CE, constitui a açom mais salientável do governo espanhol do PP no que diz respei-

A Revista Independente sobre Segurança na Internet, Kriptópolis, representante espanhola da Global Internet Liberty Campaign, patenteou a luta contra a lei desde que começaram os debates sobre o seu conteúdo. Esta página, junto a outro cento de sites, encerrou o mesmo dia em que começava a aplicação da LSSICE. Durante dezasseis meses, a equipa de José Manuel Gómez, editor da publicação, propiciou uma análise mais que necessária, graças à qual a lei nom é tam desproporcionada como em origem. No comunicado de encerramento de Kriptópolis, Gómez afirma que tam só a interposição de um recurso perante o Tribunal Constitucional -cousa que alguns grupos están já a preparar- poderia ajudar a mudar o estado das cousas. Entre as páginas clausuradas figuram sitios pessoais, de clubes de fans, de informação sobre cidades ou desportivas que se financiam graças ao apoio de banners de patrocinadores. Umha das páginas que encerrou por vinte e quatro horas para mostrar o seu rejeitamento foi a de Juventudes Socialistas de Espanha. Entre as medidas de protesto figura a de indispor as páginas todos os dias 12 de Outubro, em lembrança da aplicação desta norma.

A Plataforma Internauta, que qualificou de ignorante o Governo em matéria de novas tecnologias, fijo um chamamento à desobediência à sociedade em geral e à comunidade internauta em particular diante de umha Lei que "o único que consegue é que Estado espanhol continue atrás dos outros países quanto a tecnologias e a construção de emprego". "O Governo, apesar de ter tentado eliminar o talante inquisitorial e controlador deste projecto, deixa finalmente maos livres à administração para pôr em andamento umha censura de facto na rede", afirma a Plataforma, que considera que nom se levou em conta nem o parecer das associações de internautas, nem dos utilizadores e utilizadoras nem das empresas. Coincide, aliás, com a postura do vogal do Conselho Geral do Poder

às novas tecnologias, junto ao fracasso do plano Info XXI. Esta norma legal, vigente desde o passado dia 12 de Outubro, causou na grande maioria de usuários e usuárias um rejeitamento exemplificado na postura do Comando Tarifa Plana, um dos colectivos mais activos em

defesa dos direitos dos e das internautas: "E tudo isto [a LSSICE], para quê? Para pôr de manifesto, por se nom era suficientemente claro, que esta lei é burocrática, alheia à realidade, confusa, perigosa e liberticida, aliás, nem a Administração conseguirá cumpri-la por absurda".



desenvolvida na internet". Este facto, que na

Judicial, Alfons López Tena, para quem, já que o texto regulamenta o direito à informação, deveria ser umha lei orgânica. Javier Maestre e Carlos Sánchez Almeida, duas pessoas especialmente activas neste contencioso, afirmam no prólogo do livro "A Lei da Internet. Regime Jurídico e Comércio Electrónico" (Ediciones Servidoc, actualmente no prelo) que a LSSICE constitui "o maior ataque sofrido pola

Internet livre desde os tempos da CDA norte-americana e supom um grave risco para o desenvolvimento pleno de umha Sociedade em Rede, que permita umha progresso social e cultural, baseada na diversidade e nos principios democráticos". Aliás, a lei "condena à clausura numerosas iniciativas sem suficientes recursos financeiros para serem atendidos com plenas garantias os requerimentos técnicos, administrativos e

obrigacionais que impom a lei, através de um desmesurado regime punitivo. Os principios prejudicados e prejudicadas polo texto som as pequenas e médias empresas, muitas das quais se verán obrigadas a encerrar". Os autores consideram que a lei fai da informação, "seja qual for a sua manifestação, umha simples mercadoria e converte automaticamente em mercador a quem operar, de qualquer perspectiva ou circunstância, com ela, ao mesmo tempo que converte numha actividade regulamentada qualquer iniciativa

Galiza foi duramente criticado polo Observatório de Jornalismo e Novas Tecnologias e por várias iniciativas na rede, como o pesquisador "U-lo", bate directamente com o que estivo a ser até agora a WWW, um lugar onde o fundamental era a liberdade de expressom. A LSSICE surge num momento especialmente preocupante. Ampara-se na paranoica posta em andamento de medidas pelas administrações espanhola, norte-americana e mesmo europeia de

dotar este meio de segurança e formas de controlo definitivamente abusivas. O enquadramento, naturalmente, é o atentado contra as Torres Gémeas de Nova Iorque no dia 11 de Setembro de 2001. Após as medidas dos EUA, a pró-

pria presidência dinamarquesa da UE apresentava neste Verao umha proposta para controlar todas as comunicações pessoais dos cidadãos europeus, incluindo os correios electrónicos e as chamadas telefónicas. Durante polo

menos

um ano, estas mensagens serán armazenadas pelas empresas de telecomunicações e postas a disposição dos governos da Uniom. A luta contra o terrorismo e a sua globalização deu lugar a esta iniciativa que implica, por exemplo, que um estado nom poderá rejeitar umha petição de informação procedente de outro alegando razoms como a privacidade ou o respeito aos direitos humanos. A presidência dinamarquesa ampara-se nas conclusões do Conselho Europeu de Sevilha, celebrado sob a presidência espanhola de José Maria Aznar, e em que os dados pessoais só poderám ser entregues às autoridades sob ordem judicial. Seja como for, a entrada em vigor da LSSICE está a provocar, por enquanto, o caos e a confusom entre os utilizadores e utilizadoras. O que demonstra, polo menos, que já nom se pode andar pola rede sem se contar com algum ou alguma especialista em questoms jurídicas. Polo que vinher a acontecer...

Adaptado do texto original de *Dario Janeiro* publicado no 2º número da Revista *Omnibus* <http://www.revistaomnibus.com>

Urbano Lugris (Corunha 1908 (?) - Vigo 1973)

A Santa Paz do Pentágono

Mil veces máis nacionalista que os seus silenciosos detractores, Urbano Fingal sabe pintar cunha dureza que pode producir o calafrio. Como Chagall, pertence a aquela raza de pintores que abren vías para seguir imaxinando, ao mellor unha vida enteira, a estoria que empeza, se cadra, na esquina de calquer pintura aparentemente plana.

Xosé Luís Méndez Ferrín
(Faro del Lunes, 22 de outubro de 1984)

Lugris, fillo de Lugris Freire, o grande amigo de Eduardo Pondal, non era Urbano Lugris sementes. Era, sobre todo, Ulises Fingal: Ulises, o navegador do mundo e do trasmundo, o grego de cando os gregos aínda non sucumbiran ao logos do puro razonar, se é que algunha vez Platón sucumbira;

Fingal, o heroe gaélico que lle ordenaba coa súa rixidez cerúlea o camiño do Outro Mundo, os vieiros escusados dos Thuata Dé Danan, as xentes irlandesas de debaixo da terra, o misterio de Brigadoon que cada cen anos emerxe da néboa dun val de Escocia para vivir a normal vida dunha cidade. Non pretendo decir aquí miña verdade, porque podería ferir os gostos e as preferencias (ou os prexuízos ideolóxicos) de moitas boas persoas. Non pretendo decir que Urbano Lugris / Ulises Fingal sexa o meu mellor pintor galego do século XX. Pero é así como penso e como gozo. Toda a súa xeneración -como a dos seus contemporáneos mexicanos- elixiu en Galicia un retábulo de feiras e romaxes, de vendedoras de pan e de peixeiras arquetípicas de redondas caras, de luz de paisaxes patrióticas e de mostración do pobo galego.

Jorge Castro. Janeiro 2002.

Igor Lugris

Por sorte para ele, Urbano Lugris nom assistiu ao afundamento do Prestige e à posterior maré negra, provocada pola contaminación da carga de fuelóleo que dito barco levava nos porons, e pola passividade, negligencia e inépcia de umhas autoridades espanholas sempre mais preocupadas com a caça e a pesca (também de votos) do que com aquilo que vinher a acontecer na Galiza. Nom assistiu Urbano Lugris ao desastre do Prestige nem à crise nacional posterior, mas sim assistira a alguns dos diversos afundamentos e posteriores marés negras que sofreu a Galiza no último século. Viveria-os, mas desconhecemos a sua opinião sobre eles.

Que pensaria ele? Como os viveria? Urbano Lugris, Ulises Fingal, o pintor do mar e, muito especialmente, dos fundos marinhos, o artista multifacetado, extravagante, autodidacta, que se movia entre a pintura, a música e

a literatura. Que pensaria o velho marinheiro, retratado no seu quarto, da maré negra? Umha vida cheia de mapas, cartas de navegação, livros... para ver morrer o mar com um luto peganhento de cheiro a estrada e poluição. Os caracóis marinhos, as sercias, os peixes e as medusas que dançam nos seu quadros com o som de velhas melodias de taverna portuária, que seria delas?. E as naus no fundo do mar, lendárias, que ele recria, como estarán agora, sob um manto tam negro como a consciéncia dos responsáveis, ainda hoje em liberdade sem acusación e sem dar conta do grave

atentado terrorista cometido contra a nossa soberania, a nossa paisagem, contra o mar que, com umha paciência infinita (alguns poderiam dizer bíblica; nós diremos, mítica) leva milhares e milhares de anos a desenhar o perfil de umha terra tam grande como um mundo. Os barcos afundados de Urbano nom levavam o piche nos porons, mas velhas riquezas, algum tesouro, seguramente viveres e produtos diversos que cruzavam os oceanos pola accóm do homem, recalquemos que também da mulher, que ensanchava assim os seus horizontes. E ao mesmo tempo, convém nom

**O nosso pintor
nom viveu a
guerra contra o
Iraqe, mas viveu
outras guerras.
Urbano Lugris é
incompatível
com o piche, mas
também com
o massacre
imperialista**

esquecê-lo, estreitava outros mundos, outros horizontes, outras vidas. Mas nom falemos agora disso. Os barcos de Urbano Lugris eram barcos cheios de vida, ainda que estivessem no fundo do mar por centos de anos, eram barcos que lembravam viagens e aventuras, histórias de marinheiros e velhos naufrágios.

Nom poderíamos entender os mundos de Urbano sem conhecermos o mar. E aínda, nom conheceríamos o mar sem entendermos Urbano. O mar era mais, é mais, do que umha mao-cheia de água salgada que se encontra lá onde acaba a terra firme. Urbano Lugris, tam grandemente desconhecido entre nós por ser galego, foi um grande adiantado; em certo modo, um visionário, atrevamo-nos a dizê-lo, um profeta. Ele demonstrou por pura e urgente necessidade vital, nuns tempos obscuros, frios e cinzentos, nuns tempos como a pedra, onde tudo era duro como a pedra, até os sonhos eram de pedra, ele demonstrou, dizemos,

que um outro mundo era possível. E ele fijo esse outro mundo possível no mar. O mundo do mar é um outro mundo para Urbano. Um mundo melhor. Ele, com umha vida de naufrago, deu no mar com um mundo melhor. Os seus quadros, os seus motivos, as suas imagens e os seus sonhos, som umha janela aberta, por onde nom só entra ar fresco (como no tópico); entra também a urgente chamada de atençom de quem sabe que é necessária nom só a beleza, mas a liberdade. Nom é a beleza o único que paga

a pena neste nosso Urbano. Diz na sua obra, com clareza, com a clareza dos oceanos, que a liberdade, a Liberdade com maiúscula, e a liberdade com minúscula, é o necessário. Urbano sabia que o realmente radical, o realmente subversivo, nom era (nom é, aínda), pedir o impossível, mas construir aquilo que é necessário. É necessário viver. Viver fora dos muros de umha prisom, umha enorme prisom, dirigida, com mao de ferro, por quem nom permite nem o mais leve indicio que aponte que as cousas podem ser diferentes.

Nom eram tempos que permitissem grandes aventuras. E Urbano

Lugris pagou a sua aventura com umha vida que transcorreu entre a liberdade da sua obra e a dura vida diária. Vários fõrom os bares, os cafés que mostravam fachendosos nas suas paredes murais de Urbano Lugris. Alguns aínda se conservam (no Nova Galicia, em Compostela, no Fornos, Vechio, Drago, na Corunha...), outros ficam ocultos sob as novas paredes que trouxo a modernidade. Alguns, infelizmente, fõrom destruídos a mao-tente por empresários paifocos e ignorantes, que nom conseguírom compreender aquilo que havia nas suas paredes; nom conseguírom compreender que tinham nos seus locais a herança de um homem

que pagava, com a sua arte, as comidas, os cafés e os vinhos que nom podia pagar com o dinheiro que nom tinha. Nom admira. Urbano Lugris é, precisamente por ser galego, um desconhecido na Galiza. A potencialidade da sua obra é imensa, tam grande que nem centos de geraçons poderiam esgotá-la. É um enorme jazigo de liberdades, de sonhos, de utopias. Talvez a Galiza nom tenha jazigos de petróleo, esse combustível peganhento que move o mundo capitalista, e que transformado pode até apagar para sempre todas as cores da diversidade, mas sim tem enormes jazigos de cultura aínda por descobrir e por explorar.



Festa. 55x80 cm. Óleo/tábua (1948)



Paisagem com as Ilhas Cies. 124x244 cm. Óleo/tábua (1965)

Urbano Lugris é um deles. Haverá quem pense que esse enorme recurso energético, a cultura, tam necessário, tam imprescindível, para umha naçom é muito menos importante do que ter grandes reservas de petróleo. Mas é umha opiniom errada.

O Pentágono, que nom pudo ser convertido em quadrilátero, mas que actua como tal, também nos bombardeia, diariamente, para evitar que podamos controlar, que podamos gerir, mesmo que podamos descobrir os nossos recursos energético-culturais. Dos seus destacamentos de operaçoms especiais, chamados Hollywood, Walt Disney, CNN,... lança mortíferas bombas de cultura empobrecida, em forma de filmes, séries, programas de televisom, informaçom manipulada, modos de comportamento, formas de vida, marcas, modas, pseudocultura,... Nutre-se assim o imperialismo, o monstro. Nutrimo-lo nós, pensando, a força de que nos repitam mil vezes a mentira, que a cultura só pode ser trazida de fora, importada, porque nós nom conseguimos produzi-la, ou a que produzimos é de menor nível, de segunda categoria, de menor valor, prescindível. A dependência cultural, que nós sofremos através da imposiçom espanhola, é a maneira mais rápida de desaparecimento colectivo.

A Santa Paz de Pentágono, expressom com que Urbano Lugris finalizava umha carta a um amigo, está hoje mais presente do que nunca. Também nisto foi um profeta o nosso pintor. Nom viveu a guerra contra o Iraque de 2003, mas viveu outras guerras. Urbano Lugris é incompatível com o piche, mas também é incompatível com o massacre imperialista. Nestes dias de hoje, em que até pensar pode ser um delito, em que exercer a liberdade de expressom pode ser motivo de multa e mesmo de prisom, em que pode ser declarada ilegal a procura da liberdade, a obra de Urbano apresenta-se perante nós como o que é: umha chamada urgente para construir um outro mundo. Um mundo cheio de vida, de cor, longe do negro destino que o capitalismo nos tem preparado e que o Prestige nos adiantou. Os mares de Urbano, o seus mundos marinhos, continuam a ser tam necessários como respirar.

Igor Lugris

Cabanas Raras, Bérzio, Galiza

Maior de 2003

Recomendo quatro endereços da rede para visitar e ver algunhas obras de Urbano Lugris:

- <http://finisterrae.com/historia/personajes/lugris.htm>
- <http://www.geocities.com/galiciasapallada/lugris.htm>
- <http://213.60.131.129/sid/2/104/alfa.mosaico.p01.htm>
- <http://sololiteratura.com/lajomadaelpintor.htm>

cinema

Quijo ser outrora o filme social um coquetel molotov a cair sobre o grande ecrã, um discurso que surge beligerante, urgente, e que é tido por representaçom agre de tantos desassossegos. Polo contrário, a nova etapa parida no Estado espanhol mudou o estrondo vital por umha garrafa de gasosa que perde força consoante avançam os fotogramas. Virou, em definitivo, umha procriaçom da queda das ideologias.

A correcçom temática e formal, a falta de coragem cinematográfica com que Iciar Bollaín nos apresenta a violência de género em *Dou-che os meus olhos*, mal agita as retinas de quem o vir, e nem sequer remexe nos muitos retrinços desta realidade. Da mesma maneira que a tam cacarejada *As segundas ao sol*, a longa-metragem é agradável para o espectador ou espectadora comum, quando devia acontecer precisamente o contrário. Cada plano encontra o seu contraplano, cada cena de pretendida tensom vem anunciada polo fio musical. E parece ser tradiçom entre muitos e muitas

cinastas de temática social -nom somente Bollaín- um tipo de estética mecânica, em lugar de se alicerçar a construçom de novas formas. O conteúdo expressivo do filme está determinado por um guiom no qual a palavra, feita diálogo, e as interpretaçoms dos actores e atrizes protagonistas, esmagam as possibilidades do texto audiovisual.

Apesar de tudo, cumpre reconhecer algum acerto ao trabalho da realizadora basca, que decidiu nom satanizar a figura do maltratador para entender (e nom justificar) as suas açoms. Agradece-se-lhe o facto de as cenas de violência, apesar de serem as que regem a longa-metragem, nom se terem convertido num vício argumentativo do relato. Mas agradece-se ainda mais a Luís Tosar a sua estupenda actuaçom, precisa nos acenos, acreditável. Foi a melhor do elenco e também foi ele o

Tosar em celuloide temperado



Tosar junto a Bardem numha cena do filme "As segundas-feiras ao sol"

Aurelio Castro, do Cineclub de Compostela e de Ariel

A actuaçom do Luís Tosar é precisa nos acenos, acreditável, a melhor do elenco. Também ele é o melhor de "Dou-che os meus olhos"

A pelota basca, o fracasso artístico de uma testemunha

Os julgamentos ideológicos sobre uma obra artística deveriam, num mundo ideal, ser acrésimos e não sujar a avaliação artística da mesma. Mas num tempo e num estado em que mesmo uma ministra do que dizem "cultura" censura um filme pela opiniom que dele têm dois dos e das entrevistadas, o julgamento e as razões (duvidosas à partida) para a queima "popular" d'A pelota basca, de Julio Medem, tomam-se inevitáveis. E, no entanto, é o próprio filme um exemplo do longe que estão o êxito no conteúdo do êxito na forma.

A pelota basca apresenta-se-nos como um documento diferente dentro da viciada paisagem com que os meios de comunicação de Madrid ambientam tudo à volta do conflito de Euskal Herria. Como basco consciente de o ser, Medem não compartilha essa visom do PP segundo a qual a única razão do confronto político e armado é a própria existência de um confronto armado, num eterno silogismo que leva à repressom. Medem pergunta em todas as entrevistas pelo conflito que sabe preexistente, evidente no simples facto de as pessoas se sentirem (ou não) bascas.

E procura uma resposta plural, formada por personagens de diferentes âmbitos e lugares. À frente da

câmara desfilam pessoas da Comunidade Autónoma Basca, de Nafarroa e de Ipar Euskal Herria, pertencentes a partidos de todo o espectro, de Batasuna até UPN (ideologicamente à direita do PP, o que esclarece muito do facto de que este último partido fosse o único a se recusar a aparecer) e pessoas que se têm destacado pelos seus contributos no mundo linguístico, sociológico ou artístico.

Decerto, o filme fica torto por causa das recusas a aparecerem do PP, da ETA e de "independentes" como Fernando Savater ou Jon Juaristi. Medem tenta salvar essa baliza situando o conflito basco como simples oposiçom entre os dois extremos ausentes e, premeditado ou não, é esta estratégia a que nos descobre a dupla realidade de que todos os entrevistados e entrevistadas participam neste confronto. Afinal e mesmo por isso, todos e todas têm mais em comum do que os noticiários nos fazem perceber. Ai o filme revela-se-nos como um documento impagável, em que é possível reconhecer posiçoms que, habituados e habituadas a leituras políticas fast-food, nos parecem mesmo inovadoras, se não surpreendentes. Vemos Iñaki Gabilondo criticando a ilegalizaçom de Batasuna ou o secretário das

Juventudes Socialistas de Euskadi reconhecendo e lamentando a tortura policial, enquanto Iulen de Madariaga (fundador de ETA) critica alguns roteiros pelos que avança actualmente a esquerda basca. Também observamos que além do Bidasoa se repete certa

hecer os e as protagonistas e de se posicionar respeito a eles, o director habita terra de ninguém, com grande fracasso. Ele tampouco não pode situar-se fora do conflito e a mera escolha das palavras coloca-o numa postura que teria de aceitar. As imagens de arquivo, aliás, formam uma amalgama insustentável que só torna mais difícil de perceber o filme.

O resultado é que a fita, apesar do grande interesse, faz-se extremamente longa para o espectador. Isto sobretudo por causa da ideia inicial do director, e por isso não se espera que venha a ser solucionado por nenhuma das versões que

Medem colocará no mercado (um DVD de cinco horas, uma série de televisom de três capítulos de 55', o filme e um livro). Nom obstante, talvez a série, com maior conteúdo em menores doses, poderá vir a salvar de algum modo o contributo d'A pelota basca como documento.

Iván Cuevas é redactor de Ariel, Boletim de cinema en galego

O filme revela-se como um documento em que se divisam novas posiçoms, mesmo surpreendentes

portal galego da língua

Conselho da AGAL impulsa múltiplos projectos

No passado dia 20 de Setembro reuniu-se o Conselho Amplo na sede nacional da AGAL. Entre os temas em que se trabalhou destacam: novos acordos editoriais, balanço de actividades, desenho da estratégia do PGL, aprovação da GZe-ditora, fortalecimento da estrutura organizativa e mais. Como pontos fortes, a reunião acordou impulsar os novos grupos locais em Val de Orras, na Baixa Limia, na Marinha e no Baixo Minho. Ainda, AGAL pretende lançar uma campanha de filiação que tentará reforçar a estrutura nacional e local da associação.

Última entrevista ao Prof. Carvalho Calero no PGL

A Galeria PGL, na subsecção Arquivo Sonoro, difunde, graças ao contributo de Celso Álvarez Cáceamo e da revista Copyright (que a tinha disponível desde 1998 no seu número 53 e em formato Real Audio), a que terá sido, possivelmente, a última entrevista ao professor Ricardo Carvalho Calero. Esta entrevista foi realizada por Pedro-Milhã Casteleiro e Antom Malde no começo de 1990, sob o título "Sobre língua, cultura e política na Galiza", poucas semanas antes do falecimento do professor. Na entrevista, de quase uma hora de duração, Carvalho Calero conversa sobre língua, cultura e política e sobre os laços históricos e actuais entre a Galiza e Portugal.

Versom galega do Opera 7.20

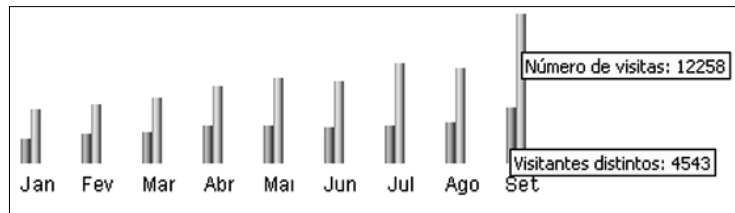
O programa Opera é um potente e rápido navegador, constituindo uma das principais alternativas ao Internet Explorer. A versom 7.20 do programa saiu apenas em inglês no mês passado. Até hoje, Opera nom disponibilizou versom noutra idioma, de modo que a última versom com interface em galego-português era a 7.11. Com este trabalho, a Comissom Informática da AGAL começa a elaborar versons galegas de programas.

Propostas lusófonas para a vida cultural de Oleiros

NÓS-UP apresentou propostas para a vida cultural de Oleiros no verano, entre as que destacam aquelas em que a Lusofonia ocupa lugar destacado: a mostra de teatro da Galiza e a Lusofonia e umha Feira do Livro em que participem editoras galegas e dos países lusófonos.

Mais de 4.500 computadores diferentes acedêrom ao sítio web da AGAL

Portal Galego da Língua ultrapassa 12.000 visitas em Setembro



Estadística do número de visitantes que consultaram o Portal Galego da Língua

Em Setembro de 2003, pela primeira vez, o PGL conseguiu superar as 10.000 visitas, objectivo estratégico desta inovadora proposta informativa. Um meio de comunicação que nasce no reintegracionismo organizado, mas que funciona aberto a toda a comunidade lingüística galega, sem discriminação alguma por motivo de norma.

No total fôrom 12.258 visitas (segundo o contador da hospeda-

gem) as que recebeu o PGL em Setembro de 2003. A progressom do sítio web da AGAL é realmente impressionante neste primeiro mês do Outono. Até agora, o mês com mais visitas fora Julho de 2003, quando o Portal recebera 8.282 visitas. O avanço e de 50 % aproximadamente.

Na secção de visitantes diferentes também se pode apreciar um avanço significativo, também de 50

%. Agosto de 2003 tinha representado o máximo histórico, com 3.276 visitantes diferentes. Mas em Setembro fôrom 4.543 computadores diferentes os que acedêrom ao web. As surpreendentes e gratas estatísticas completam-se com 139.223 páginas vistas e 684.186 hits em todo o mês. Uns números que, se se mantiverem permitirã enfrentar novas estratégias e projectos ainda mais ambiciosos.

Proposiçom de Lei de Normalizaçom de Usos Sociais e Públicos da Língua Galega

BNG apresenta no Parlamento da Galiza proposta para reformar Lei de Normalizaçom Linguística

A proposta foi apresentada no dia 11 de Setembro polo Grupo Parlamentar do BNG, que considerou que a actual Lei de Normalizaçom Lingüística (LNL) de 1983 "é insuficiente e deve ser adaptada à realidade da sociedade actual", e mesmo "carece de mandados concretos, de prazos de execução e de mecanismos de avaliação para assim se medir a sua eficácia", conforme explicou Pilar Garcia Negro, a deputada naciona-

lista que assinou a proposiçom. Garcia Negro acrescentou que a LNL nunca fora aplicada nem desenvolvida, e neste contexto era que se apresentava uma Proposiçom de Lei de Normalizaçom de Usos Sociais e Públicos da Língua Galega, que tinha por objectivo a actualizaçom da legislaçom vigente, além do fomento e da promoçom do galego. "Consolidar um espaço público e social para o galego" que "deve ser

utilizado como norma e nom como excepçom em todos os âmbitos da vida pública" som objectivos a conseguir com esta proposiçom. O uso institucional por parte da Junta da Galiza, a relaçom com os administrados e administradas, a toponímia e a onomástica, o ensino obrigatório e universitário, a sanidade pública e os meios de comunicaçom, som incluídos e explicados na proposta, em que se define a língua galega como "matriz do galego-português".

O primeiro destacável da GZe-ditora já pode ser conseguido livremente no PGL

GZe-ditora, nova iniciativa para promover criaçom e crítica literárias na nossa língua na internet

Umha nova iniciativa acabou de abrir as suas portas. Já está publicado em formato pdf o primeiro e-book da GZe-ditora, que sob o título A temporada das letras, 17 de Maio e 10 de Junho, dia das letras galegas e dia de Camões, quer ser um destacável de homenagem às letras galego-

-portuguesas. Aos poucos serão revelados mais detalhes da GZe-ditora no próprio Portal da Língua, mas já foi avançado que a secçom irá publicar e-books em formato pdf com textos de criaçom e crítica literárias. Esta iniciativa está aberta à participaçom de todo o mundo.



Unidade Galega reconhece valor universal da nossa língua

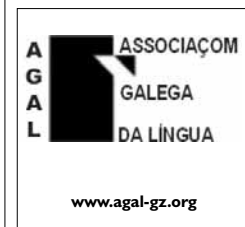
O V Congresso Nacional, celebrado no passado fim-de-semana, foi também o da autodissoluçom como partido organizado dentro do BNG. No que diz respeito à língua, fai referência ao valor universal da língua galega, o que marcou um avanço na visom da língua numha organizaçom que sempre apoiou o "oficialismo". Mais ao pormenor, salienta-se a referência histórica de Portugal e, nomeadamente, do Brasil, como valores de referência universal para a língua galega, acrescentando-se a seguir que essas relaçom lingüísticas completam as mantidas com a África, a América Latina ou o resto dos povos do Estado Espanhol.

Portal Galego da Língua no 44º lugar dos sítios galegos em internet

Código Cero acabou de publicar a última actualizaçom da listagem, feita a 25 de Agosto. A mediçom baseia-se na base de dados de Alexa, e inclui o PGL no lugar 136.465 a nível mundial, o que se corresponde com o lugar 44 a nível galego. Exemplificando, o PGL situa-se por cima de sítios, por citar apenas alguns, como o do jornal A Nosa Terra (99º), a editorial Xerais (92º), ou o jornal Galicia Hoxe (64º).

BNG de Ourense propom Festival Galego de Cinema

O Grupo Municipal do Bloco Nacionalista Galego (BNG) na Câmara Municipal de Ourense, apresentou umha moçom que propom a reorientaçom do actual formato do Festival de Cinema Independente de Ourense para o evento tornar no Festival Galego de Cinema. Os filmes luso-brasileiros converteriam-se nos protagonistas do certame, que tenta agir como porta de entrada destas produçom na Galiza.



www.agal-gz.org

música

■ Davide Loimil e Inácio Gomes

Aproveitando o lançamento de dous trabalhos significativos, vamos voltar a empregar estas páginas para apresentar-vos duas propostas musicais chegadas, nesta ocasiom, directamen-

te do Brasil, e que pola sua qualidade bem merecem que reparemos nelas. Referimo-nos ao recém saído do forno trabalho em solitário de Marcelo D2 (Mc de Planet Hemp) e do ultimo lançamento de Gabriel O Pensador, um cd ao vivo na MTV. Eis a nossa proposta,

mas agora vem o difícil, conseguir os cd's. O mais recomendável por eficácia é procurá-los na rede já que provavelmente nom sejam comercializados na Galiza e se o som o seu preço será de certeza mui elevado. Nós assim o fizemos.

À PROCURA DA BATIDA PERFEITA MARCELO D2

Marcelo Maldonado Gomes Peixoto, é o verdadeiro nome de Marcelo D2, um dos líderes da banda Planet Hemp, através da qual ganhou projecção nacional e sobre a qual falávamos num numero anterior do Novas Da Galiza. Pois bem, agora acabou de surpreender com o lançamento de um disco em solitário. Nele, como nos seus discos acompanhado, demonstra que a sua música está cheia de talento e originalidade. Cinco anos após o embrionário "Eu Tiro e Onda", este intrépido "rapeiro" oferecenos um disco de hip hop brasileiro com letras maiúsculas, em que se combina a obscuridade de New York (musicalmente

falando, é claro!) com a harmonia da música brasileira. Ao longo do disco podemos perceber referências ao samba ou à bossa nova, além de ouvir samplers de reputados artistas do seu País. Quanto à mensagem, do disco emana optimismo. Serve de exemplo o que diz numha das suas letras: "vai dizer que você prefere o ódio ao amor?", será que correm novos tempos no Brasil...? Ah, o disco está produzido por ele próprio e misturado por Mário Caldato Jr. (Beastie Boys) e nele convida a participar Seu Jorge, que nom é outro que o actor que interpreta a Zé Pequeno no filme Cidade de Deus.



Marcelo Maldonado Gomes Peixoto surpreendeu com o seu primeiro disco em solitário

AO VIVO NA MTV GABRIEL O PENSADOR



O disco ao vivo comemora 10 anos de carreira musical em que editou seis trabalhos

Este cantor é outro dos grandes nomes próprios quanto à música brasileira se refere, agora com este disco ao vivo comemora 10 anos de carreira em que leva editados seis trabalhos em estúdio, além de algunha compilação. O Rap é o nexo comum das cançons deste artista brasileiro, que ainda assim conta com umha banda convencional e nom apenas com um dj, algo habitual na maioria de bandas deste estilo. Quando foi convidado pola gente de MTV a gravar o "Ao vivo MTV", Gabriel O Pensador pediu às pessoas para assistirem ao show mesmo a sério, já que normalmente estes álbuns em for-

mato ao vivo/acústico som resgistados com convidados e convidadas vips no público. Mas nesta ocasiom as pessoas que estavam a seguir as evoluçoms do Gabriel eram verdadeiras seguidoras do artista. O disco foi registado em duas noites do passado mês de Dezembro. Só umha mácula, existe a sensaçom de que a banda que o acompanha nom transmite a força necessária que a proposta musical deste artista precisa. Esta carência percebe-se também no resto dos seus trabalhos. No entanto, as dezasseis cançons que componhem o disco fam com que valha a pena tê-lo à mao.

A ESMORGA
REVISTA PENASAL DA MOVIDA GALEGA

RENOVAÇÃO
EMBALEGA GALEGA
DA CULTURA

embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL
REVOLTA

Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

CASA DAS CRECHAS

Via Saera, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

ARTABRIA

Rua Madalena, 31
C.P. 15402 Ferrol
GALIZA

a entrevista | Davide Salvado

“Há muitas pessoas a criar mas poucas que se atrevam a sair”

Davide Salvado é músico do novo espectáculo de Nordesia Di-lhei

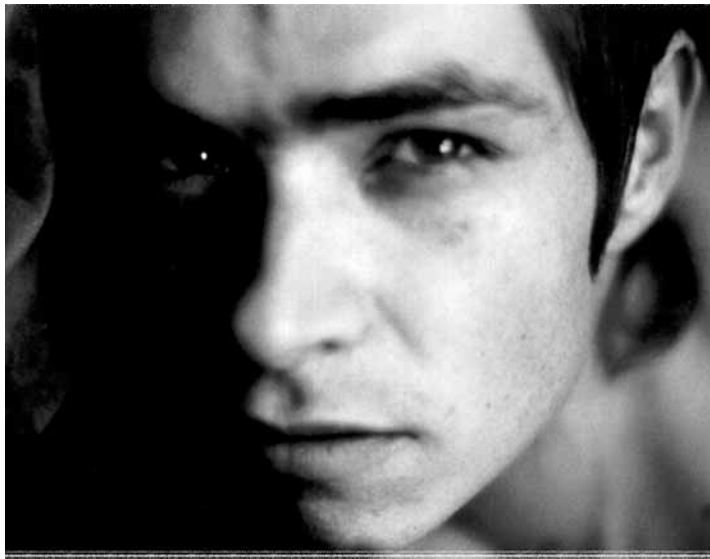
Marta Salgueiro

Quando este novo número de NGZ estiver na rua haverá também mais umha proposta artística. Trata-se do espectáculo Di-lhei. Umha aventura produzida por Nordesia em que podemos ver umha iniciativa atrevida, divertida e sobretudo valente. Di-lhei conseguiu misturar o atrevimento e a ironia do actor Carlos Blanco (também director do espectáculo) com todo o universo musical procedente do dj Lord Keison e Eclética Ensemble. Umha proposta de vanguarda, umha viagem pola Galiza e o seu mundo no transcurso dos anos. Sobretudo umha aposta na renovação, em definitivo ... na criação. Davide Salvado, mergulhado em cheio neste projecto, conta ao Novas o fundamento de Di-lhei e o processo criativo que o tornou realidade.

Como se conjuga um espectáculo em que cabem as novas tendências de um dj, a música tradicional e a teatralidade de Carlos Blanco?

Com muitíssimo trabalho. Mas eu creio que tudo está a correr bem, pola vontade, polo trabalho e porque também estamos a desfrutar da montagem. O processo é bonito. Nom está a ser fácil conjugar histórias, que no início pareciam antitéticas. Por um lado um dj, por outro umha pandeireta. Mas julgo que tudo está a correr bem, sobretudo pola vontade que tínhamos de fazer algo neste país e neste sentido, e estamos a fazê-lo com toda a alegria. Eu penso que fica assim tam natural precisamente por isso, pola vontade que tínhamos de fazer algo assim, experimental.

Pois, é verdade, mas nom deve ser fácil unir esse potencial todo. Procurar o elo nom foi o difícil, porque tínhamos mui assente a ideia do que queríamos fazer. O difícil foi encontrarmos-lo, conseguimos o ensemble, para ficar bonito. Foi a parte que mais nos custou do trabalho, ensambalar tudo. Afinar, conjugar tudo. Talvez com o teatro, com o Carlos Blanco nom existisse tanta dificuldade, custou-nos mais com o di-lhei.



Porque a parte do Carlos tem um guiom que podes seguir, é umha historia. Em Eclética tínhamos já a experiência de trabalhar com bases gravadas, mas nom com a música de um dj, assim, ao vivo.

Falemos agora de projectos pessoais. Davide, tu já fás parte do plantel de músicos e músicas do Budiño e ainda estades em turné, a tocar muito.

Estou a desfrutar muito a tocar com o Budiño, é um músico de que gosto muito. É umha das pessoas que está verdadeiramente a fazer um trabalho de criação. Gosto dele nom só como músico mas também como produtor, com a proposta de encenação. Nestes momentos está a dar à sua produção um ar mais estético.

Existe no teu trabalho, nos teus projectos, como em Eclética, o gosto pola supremacia estética. Sem duvida. Para mim é 50% de um espectáculo. É tam importante ter algo a mostrar, como mostrá-lo de jeito bonito. Eu quando canto dou-o tudo, saio ao palco para dar o cento por cento e as cousas devem apresentar-se também de

forma esteticamente bonita, de maneira que tu também estejas a sentir-te bem. Nom podes sair num espectáculo de qualquer maneira e, se saíres assim, esse desajustamento tem que estar pensado e preparado. Um espectáculo nom só é auditivo como também estético. É tam importante para mim afinar como arranjar tudo para ser mostrado.

Estás a trabalhar também em muitos projectos diferentes.

Estamos a acabar a turné com o Budiño, mas agora também fago parte do plantel de músicos, assim que aí continuarei. Também começarei a dar aulas de pandeireta no conservatório de Lalim, e neste ponto gostava de apontar algo que me parece mui importante: eu nom dou aulas de pandeireta tradicional, porque nom bebim daí, mas sei tocar a pandeireta, e mais do que suficiente para dar aulas, ainda que de umha perspectiva mais artística, mais como criador do que como etnógrafo musical. Além disso, começámos na Casa das Crechas de Santiago de Compostela um “Obradoiro Fusom”. Xurxo Troncoso ofereceu

a percussom afro-cubana e eu à pandeireta e na voz. Um obradoiro Fusom que faremos duas vezes por mês.

Nas tuas propostas musicais há um gosto pola inovação muito claro, um gosto polo crescimento. Significa isso um abandono da música tradicional?

Há muita gente a criar no País, mas há pouca que se atreva a sair. A minha mai aprendeu a cantar com a minha avó mas já nom cantava igual que ela. Por isso creio que cada pessoa tem que dar o seu. Nom se pode unicamente copiar ou reproduzir. Tampouco se podem cantar as coplas machistas, xenófobas ou em espanhol a amparar-nos na tradição. Esse tipo de tradição, se nom é positiva, nom temos que conservá-la. Esse é o meu ponto de vista. Isso nom tem a ver com outra cousa como sejam as pessoas que recolhem as cantigas e que as cantam, mas nom podemos ficar apenas nisso. Eu podo misturar umha cantiga do Courel com umha padreitada da Costa da Morte e ficar tam tranquilo. Temos de continuar a criar com ousadia.

O insulto nacionalista galego

João Carlos Ánsia

Cada pelega interna do nacionalismo, vai acompanhada de um monte de adjectivos ofensivos entre as partes enfrentadas. Evidentemente, no ponto culminante dos confrontos, utilizam-se os tópicos: “filho da puta”, “cabrom”, “mono de merda”, “gilipollas”. Quando se perdem as formas todos e todas caímos nos usos mais comuns e mundanos. É certo que a praxe política obriga a utilizar qualificativos políticos que, segundo as circunstâncias e perfil ideológico podem chegar a ferir, e muito: estalinista, “trotsko”, socialdemocrata, revisionista, culturalista, radicalinho infantil-esquerdista, direitoso, liquidacionista, pequeno-burguês, burocrata. E já subido o tom terminam em sipaio, “tontom-macute”, chibato, policia, espanhol.

Muitos destes insultos, convertêrom-se com o tempo em etiquetas que identificam, entre iniciados, tanto o autor ou autora dos mesmos como o companheiro ou companheira mentada. Numha pequena amostra, respeitando a norma em que circulam os epítetos, podem citar-se: o “cura-capado”, “pichafria”, “cabeça-quadrada”, “folclórica”, “gary cooper”, “monja-alferez”, “dalai lama”, “mandilom”, “torrebruno”, “o senhorito”, “o trepas”, “putero”, “palhasso”, “seminarista”, “superperreiro”.

A moderação e o refinamento chegarom também às alcunhas de última fornada. Na crise por que está a passar o BNG, na conhecida sucessom forçosa do Beiras, por enquanto as palavras mais fortes que se temem ouvido som: melindrosos, desnaturalizados, “caimista”, intrigantes, “advenidizo”, rémoras, “perrito piloto”, “camillero”. A força dos votos acabará por conseguir que as denominações de renovador e nom adscrito entrem também na lista de qualificações injuriosas para a militância oficial. Na altura saberemos quem som os vencedores e vencedoras e como deverem nomear os derrotados e derrotadas.